



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

CIMBA: Av. Paraguai, s/n, Bloco Bala I, 1º piso, sala 15 | 77824-838 | Araguaína/TO
(63) 3416-5619 | www.uft.edu.br/index.php/araguaina | letrasarag@uft.edu.br

FABIO MARINHO LOBO

**TRAÇOS DE ORALIDADE: DESAFIO PARA PROFESSORES
E ALUNOS NO RECONHECIMENTO E USO ADEQUADO**

ARAGUAÍNA, TO

2021

FABIO MARINHO LOBO

**TRAÇOS DE ORALIDADE: DESAFIO PARA PROFESSORES
E ALUNOS NO RECONHECIMENTO E USO ADEQUADO**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, Câmpus Araguaína, Unidade Cimba, Curso de Letras Português e suas literaturas, para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Dra. Ana Claudia Castiglioni

ARAGUAÍNA, TO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- L799t Lobo, Fabio Marinho .
TRAÇOS DE ORALIDADE: DESAFIO PARA PROFESSORES E ALUNOS
NO RECONHECIMENTO E USO ADEQUADO. / Fabio Marinho Lobo. –
Araguaína, TO, 2021.
35 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2021.
Orientador: Ana Claudia Castiglioni
1. Traços de oralidade. 2. Conhecimento implícito. 3. Tipos textuais. 4.
Enriquecimento cultural. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FABIO MARINHO LOBO

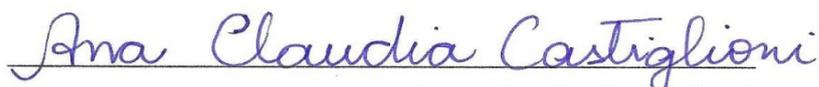
**TRAÇOS DE ORALIDADE: DESAFIO PARA PROFESSORES
E ALUNOS NO RECONHECIMENTO E USO ADEQUADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Araguaína, junto ao curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, foi avaliado para a obtenção do grau de licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

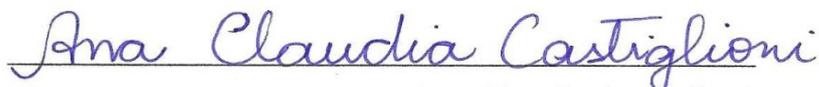
Orientadora: Ana Claudia Castiglioni

Aprovado em, 26/07/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Ana Claudia Castiglioni - UFT
(Orientadora)



Prof. Dr. Wallace Rodrigues
(Examinador)



Prof.^ª Me. Leicijane da Silva Barros
(Examinadora)

**ARAGUAÍNA
2021**

*Dedico este trabalho às minhas filhas:
Bruna, Laura e Helena*

AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir chegar até aqui; a minha esposa Cátia pelo companheirismo incansável; à minha orientadora, Prof.^a. Dra. Ana Claudia Castiglioni, pela sua qualidade assertiva, a qual me proporcionou confiança na realização deste trabalho; aos professores do Colegiado de Letras da UFT/UFNT e aos colegas de turma por termos nos mantidos colaborativos e solícitos durante todo o percurso.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor,
mas lutei para que o melhor fosse feito.
Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus,
não sou o que era antes”.
(Martin Luther King)

RESUMO

A partir de textos escritos por alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, em uma proposta redacional subjetiva, feita por meio de um instrumental de pesquisa durante a disciplina: Estágio Supervisionado Curricular de Língua Portuguesa e Literatura (ESC I) do 5º período do curso de graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Câmpus Araguaína, Unidade Cimba – observou-se a presença de traços de oralidade na escrita. Diante disso, traçou-se um recorte sobre o tema no sentido de verificar como é tratado esse assunto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, em seguida, analisar qualitativamente as redações apresentadas. Ressalta-se que oralidade e escrita possuem flexibilidades de produções diferentes, mas devem ser tratadas com a mesma importância por professores. O motivo de atenção aos traços de oralidade na escrita está relacionado com a sua possibilidade de influenciar os resultados de avaliações nacionais como SAEB e ENEM, já que o assunto está presente nos Parâmetros Curriculares Nacional (PCN) no que se refere ao conhecimento e uso dos gêneros textuais pelos alunos. Devido à complexidade do tema, buscou-se embasamento teórico no tratamento do assunto dado pelos linguistas: Marcushi (2010), Travaglia (2001), Koch (1992), Fávero et al. (2001) e Cidrim et al. (2007). Concluiu-se que a oralidade, por ser mais livre e despreendida de conceitos e regras, origina estruturas morfossintáticas estáveis e infinitas, afetando a forma de escrever dos alunos se comparadas com a norma-padrão. Abordou-se também que oralidade e escrita devem ser tratados com a mesma importância por professores. Neste artigo, primou-se pelo cuidado de não haver entendimento equivocado sobre as formas diversificadas de se escrever. Nesse sentido, a compreensão evolutiva de uma língua não deve ser embasada como erros ou desvios e sim como fatores que mantêm a língua viva e, dessa forma, traduz-se em um enriquecimento cultural.

PALAVRA-CHAVE: traços de oralidade; conhecimento implícito; tipos textuais; enriquecimento cultural.

ABSTRACT

Based on texts written by students of the 7th year of elementary school, in a subjective writing proposal made using a research tool during the Supervised Curricular Internship in Portuguese Language and Literature (ESC I) of the 5th period of the undergraduate course in Letters from the Federal University of Tocantins (UFT) - Campus Araguaína, Cimba Unit - the presence of traces of orality in writing was observed. In view of this, we outline the theme in order to verify how this subject is treated in the National Curriculum Parameters (PCN) and then qualitatively analyze the presented essays. It is noteworthy that orality and writing have different production flexibilities, but they must be treated with the same importance by teachers. The reason for paying attention to orality traits in writing is related to its possibility of influencing the results of national assessments such as SAEB and ENEM, since the subject is present in the National Curriculum Parameters (PCN) with regard to the knowledge and use of textual genres. Due to the complexity of the theme, a theoretical basis was sought in the treatment of the subject given by the linguists: Marcushi (2010), Travaglia (2001) and Koch (1992). It was concluded that orality, as it is more free and detached from concepts and rules, gives rise to stable and infinite morphosyntactic structures, “wrongly” affecting students' writing if compared to the standard norm. It was also discussed that orality and writing should be treated with the same importance by teachers. In this article, care was taken to ensure that there was no mistaken understanding of the diverse ways of writing. Thus, the evolutionary understanding of a language should not be based on errors or deviations, but as factors of cultural enrichment.

KEYWORDS: Orality traits; Implicit knowledge; Textual types; Cultural enrichment.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1. Considerações sobre transformações fonéticas e os metaplasmos.....	16
2.1.1 Leis Fonética.....	17
2.1.2 Metaplasmos.....	17
2.1.2.1 Metaplasmos por permuta.....	17
2.1.2.2 Metaplasmos por aumento.....	18
2.1.2.3 Metaplasmos por subtração.....	18
3. ORALIDADE E ESCRITA NOS PCN – PREVISÃO.....	19
3.1 PCN, 1997 – do 1º ao 4º ano.....	19
3.2 PCN, 1998 – do 5º ao 8º ano.....	20
4. ANÁLISES.....	21
4.1 Procedimentos de análise de dados.....	22
4.2 Detalhando a análise.....	23
4.2.1 Troca de vogal por sonoridade - [o por u] Texto 1 - [me por mim] Texto 8 e 9...	24
4.2.2 Repetição de palavras - [pai dele] – Texto 1 / [a gente] – Texto 9.....	25
4.2.3 Supressão da desinência de infinitivo - [r] - (Textos 1, 4, 6 e 8).....	26
4.2.4 Substituição do qu por k.....	26
4.2.5 Estrutura compreensível, mas escrita de forma livre e pouco elaborada - Texto 1, 5, 7 e 9.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
6. REFERÊNCIAS.....	30
7. ANEXOS.....	31
Texto 1.....	31
Texto 2.....	31
Texto 3.....	32
Texto 4.....	32
Texto 5.....	33
Texto 6.....	33
Texto 7.....	34
Texto 8.....	34
Texto 9.....	35

1. INTRODUÇÃO

Em consonância com o artigo 4º, § 1º, da Lei Federal 12.796/2013, crianças, a partir dos 4 anos de idade, obrigatoriamente, iniciam suas atividades escolares. Apesar da pouca idade, os estudantes mirins chegam às unidades escolares com uma grande vantagem: falando seu próprio idioma, ou seja, a língua nativa já com certa fluência. Diferentemente daqueles que ainda precisam aprender a falar, como é o caso do aprendizado de uma segunda língua, esses alunos avançam no processo de alfabetização para outras modalidades da comunicação.

Esse conhecimento comunicativo pré-escolar, corresponde a gramática internalizada do falante, a qual, a partir de hipóteses adquiridas gradualmente, constrói suas próprias atividades linguística junto ao meio histórico/familiar. Este conceito de gramática foi concebido pelo linguista norte-americano Noam Chomsky. Segundo ele a gramática internalizada pode ser definida como um “conhecimento implícito sobre o que constitui a língua materna e como ela funciona” (*apud* Johnson & Johnson, 1998).

De posse desse conhecimento internalizado, alunos e professores são projetados para outros desafios do conhecimento linguístico frente a Gramática Normativa, a qual considera desvio, qualquer variante linguística que não esteja normatizada. “Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como válida, como sendo a língua verdadeira” (TRAVAGLIA, 2001).

Por esse conhecimento prévio da fala, indivíduos produzem estruturas morfossintáticas que são relativamente constantes e diversificadas em seu meio social. A depender do contexto, essas estruturas estão sujeitas a alterações cabendo ao professor mostrar em quais situações isso acontece, seja na modalidade linguística oral ou escrita.

Gírias, ditados populares, sentenças com tá (está), né (não é), entre outras, são exemplos de estruturas morfossintáticas que aparecem nos textos como traços de oralidade, os quais são considerados desvios da norma-padrão. Esses desvios comumente conhecidos como erros ortográficos não se concluem somente pelo desconhecimento do aluno, mas também por um histórico fonológico evolutivo da língua. A esse fenômeno, mais adiante, no referencial teórico, item 2.1, tecemos alguns comentários com base nos estudos de Cidrim (2007, p. 29) que diz: “os princípios constantes que presidem a evolução dos vocábulos de qualquer língua são regidos pelas Leis Fonéticas”. Todavia não é o foco dessa incursão linguística abordar todos os casos fonéticos ou gramaticais, mas mostrar que a liberdade do indivíduo de se expressar oralmente, de adaptar a língua às suas situações de uso, muitas das vezes, fugirão à norma-padrão da língua portuguesa, de

forma que poderá afetar a representação gráfica desses fonemas se comparado a ortografia dicionarizada.

Na escola, professores devem ficar atentos a evolução dessa prática social como um todo; de forma que oralidade tenha a mesma importância da escrita como afirma Marcuschi (2010, p. 17): “oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia”.

Posto isso, “traços de oralidade” é o tema desse artigo, o qual aborda-se como é tratado o assunto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, em seguida, analisa-se, qualitativamente, textos escritos por alunos do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual, localizada em Araguaína-TO, durante o período de 12 de agosto de 2019 a 14 de dezembro de 2019, para verificar a existência de traços de oralidade e como rege a norma-padrão.

O tema exposto nesse artigo surgiu pelo fato de que os traços de oralidade podem sinalizar para avaliadores externos nacionais como SAEB e Enem e internacional como o PISA, o nível de conhecimento dos alunos sobre gêneros e tipos textuais. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1ª a 4ª série, já menciona do assunto:

Trata-se de situações em que se busca a adequação da fala ou da escrita própria e alheia, a avaliação sobre a eficácia ou adequação de certas expressões no uso oral ou escrito, os comentários sobre formas de falar ou escrever, a análise da pertinência de certas substituições de enunciados, a imitação da linguagem utilizada por outras pessoas, o uso de citações, a identificação de marcas da oralidade na escrita e vice-versa, a comparação entre diferentes sentidos atribuídos a um mesmo texto, a intencionalidade implícita em textos lidos ou ouvidos, etc. (PCN, 1997: p. 54)

A metodologia da pesquisa foi motivar os alunos a fazerem um pequeno texto para análise. Esse procedimento foi realizado durante a disciplina de Estágio Supervisionado Curricular de Língua Portuguesa e Literatura (ESC I) do 5º período do curso de graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Câmpus Araguaína, Unidade Cimba.

Inicialmente, os alunos assistiram ao filme “**¹O menino que descobriu o vento**”. Em seguida, pediu-se que eles relatassem suas percepções por meio de um instrumental de pesquisa do tipo questionário. A pergunta para produção do texto analisado foi “**Sobre o filme ‘O menino que descobriu o vento’, relate o que você achou interessante e que pode servir de aprendizado para sua vida.**”

O uso dessa metodologia permitiu que, com o filme, fosse criado um contexto para que os alunos pudessem desenvolver um pequeno texto para ser analisado qualitativamente. Para não

¹ A obra cinematográfica narra a saga de William Kamkwamba, de 14 anos, que buscando conhecimento, descobriu um método de criar energia eólica no meio das terras secas do Malawi, na África, de modo a garantir a irrigação das colheitas e a sobrevivência de uma população faminta.

serem afetados psicologicamente e, conseqüentemente, comprometer os resultados das análises, foi preciso que os alunos escrevessem da forma mais natural possível, deixando transparecer a totalidade dos seus conhecimentos esperados pelos PCN de 5ª a 8ª séries. Para isso, os alunos não foram informados sobre o objetivo principal, o qual deu origem ao *corpus* desse artigo.

De posse dos textos e de modo geral, o objetivo da escola se mostra presente. Os textos produzidos apresentaram um esforço da maioria dos alunos em colocar em prática os seus conhecimentos linguísticos, porém houve descuido com a revisão de elementos lexicais e sintáticos ocasionando desvios, se comparados com a norma-padrão.

Retomando ao foco do tema, observou-se que a oralidade consegue influenciar na escrita padrão, deixando naturalmente suas marcas. Daí a importância de se discutir qual o limiar dessa relação entre oralidade e escrita, já que ambas devem ser tratadas com a mesma importância nas escolas. Debruçados sobre o assunto, alguns teóricos da linguagem publicaram seus estudos, os quais utilizou-se para embasamento deste artigo. De acordo com Marcuschi (2010, p. 15), “não há razão alguma para continuar defendendo uma divisão dicotômica entre fala e escrita nem se justifica o privilégio da escrita sobre a oralidade. Ambas têm um papel importante a cumprir e não competem”.

Para saber da relevância desse conhecimento na vida do estudante, buscou-se uma leitura investigativa nos PCN em busca de previsões sobre o tema em seu planejamento. Valeu-se também de leituras de artigos e trabalhos de conclusões de curso (TCC). Para embasamento teórico, fundamentou-se este trabalho nos estudos de Marcuschi (1986), Travaglia (2001), Koch (1992), Fávero et al. (2002) e Cidrim et al. (2007).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Pela linguagem os povos se comunicam, constroem visões de mundo e produzem cultura. As condições de plena participação social e promoção da cidadania passam pelo conhecimento linguístico apurado. A escola, ambiente de natureza formal, deverá garantir aos alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para que, ao passar pelo período estudantil, o aluno consiga, em meio à diversidade da vida em sociedade, compreender e interpretar textos variados e a produzi-los nos mais diferentes contextos sociais.

No que se refere a linguagem, Benveniste (1991, p. 288) informa que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”. Partindo desse entendimento, PARENTE (2016) corrobora com a seguinte afirmação:

Pela linguagem o sujeito comunica-se e se mantém atualizado aos acontecimentos do mundo. Confirma-se assim, o fato de que a linguagem sempre exerceu grande influência sobre o homem, pois, é através dela que o mesmo interage dentro da sociedade, ao expressar suas ideias, seus pensamentos e ao construir sua vida social, ou seja, a linguagem é um processo social, interativo e dialógico.

O documento oficial, PCN, também traz reflexões acerca da linguagem:

Tomando-se a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem, as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva. (PCN, 1998, p.22).

Ao se tratar de oralidade e escrita, faz-se necessário saber que são duas modalidades pertencentes ao sistema linguístico da Língua Portuguesa, mas que possuem diferenças estruturais. No que diz respeito a linguagem oral, Marcushi (2009, p. 25) define da seguinte forma:

[...] é uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização informal a mais formal nos mais variados contextos de uso. Uma sociedade pode ser totalmente oral ou de oralidade escrita secundária [...].

Sobre a linguagem escrita, Marcushi (2010, p. 16) explica que:

[...] após seu surgimento, a escrita passou a ser mais valorizada em relação a oralidade e indispensável perante a sociedade e até mesmo “chegando a simbolizar educação” e nem o avanço da tecnologia deixou que a escrita ficasse para trás da oralidade, esses dois eixos caminham entrelaçados e é na escola que o indivíduo iniciará a escrita e partir dela que constituirá seu próprio texto.

Desta forma, oralidade e escrita possuem valores e importância iguais, mas são veiculadas de forma diferente e permitem flexibilidades distintas. A língua falada é mais espontânea, mais solta; pode ser acompanhada de gesticulações e entonações que completam lacunas importantes na comunicação; a língua escrita exige uma disciplina mais rígida, porque não conta com todos os recursos prosódicos da fala como gestos miméticos e entonações, daí a grafia ser um processo de convenção escrita e não uma fiel transcrição fonológica ou fonética.

Apresenta-se, a seguir, algumas características da fala e da escrita segundo Koch (1992, p.68).

Quadro 1. Característica da linguagem falada e da escrita

Fala	Escrita
Não-planejada	Planejada
Incompleta	Não-fragmentária
Pouco elaborada	Completa
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Elaborada
Pouco uso de passivas	Predominância de frases completas, com subordinação abundante. Emprego frequente.

Ainda, segundo Koch (1992, p. 69),

ao contrário do que acontece com o texto escrito, em que o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer um rascunho, proceder a revisões, ‘copidescagem’ etc., o texto falado emerge no próprio momento da interação: ele é o seu próprio rascunho.

Neste cenário, diante de tais definições linguísticas, percebe-se que a fala assume o uso coloquial/popular, enquanto que a escrita busca se alinhar com a norma culta da língua como podemos ver no quadro 2 extraído de LÚZIO & RODRIGUES (2011).

Quadro 2. Uso coloquial e uso culto da língua portuguesa

Uso coloquial/popular	Uso culto
Pronúncia mais descuidada de certas palavras e expressões: <i>nóis, oceis, ta bão, num vô, num qué.</i>	Maior cuidado com a pronúncia: <i>nós, vocês, está bem, não vou, não quer.</i>
Não utilização das marcas de concordância. Ex: <i>Os menino vai/vão bem.</i>	Utilização dessas marcas. Ex: <i>Os meninos vão bem.</i>
Uso constante de <i>a gente</i> no lugar de <i>nós</i> . Uso regular da forma <i>nós</i> . Emprego de expressões do tipo: <i>né, então, aí, pois é.</i>	Raro uso dessas expressões.
Mistura de pessoas gramaticais. Ex: <i>Você sabe que te enganam.</i>	Uniformidade no uso das pessoas gramaticais. Ex: <i>Você sabe que o enganam. Tu sabes que te enganam.</i>
Uso “livre” da flexão dos verbos. Ex: <i>Se ele fazer; se ele pôr.</i>	Utilização da flexão verbal conforme as normas gramaticais. Ex: <i>Se ele fizer, se ele puser.</i>
Uso de gírias.	Não utilização de gírias.

Posto isso, o não conhecimento dessas peculiaridades entre o uso coloquial e o culto da língua traduz-se em dificuldade para o aluno diferenciá-los. Um aluno poderá fazer uma redação e o seu texto ser afetado pela linguagem popular ou histórico-familiar. Nesse contexto, surgem, inconscientemente, os traços de oralidade. Segundo Coutinho (1976, apud CIDRIM, 2007, p. 29), são inconscientes porque essas construções são alheias às vontades de seus usuários; o que faz seguirem tendências próprias da época vivida.

Ressalta-se que traços de oralidade não são proibidos de serem usados, mas, usá-los, exige, por parte do aluno, o conhecimento de gêneros textuais e situações específicas de uso tanto para a fala, quanto para escrita; cabendo a escola promover essa conscientização. Gírias e expressões como *tadim* (*tadinho*), *brigado* (*obrigado*), *tô* (*estou*), *cabou* (*acabou*) etc, são exemplos de traços de oralidade que podem afetar a escrita de gêneros textuais que exigem a norma-padrão. Por outro lado, gêneros mais livres de formalidades como gêneros literários são enriquecidos por essas falas livres de regras, de forma que uma não anula a outra. Isto quer dizer que o uso coloquial pode estar contido no formal e vice-versa, desde que faça uso das regras de pontuação para sinalizá-los. Avaliações nacionais como Enem, SAEB e internacional como o PISA podem exigir do aluno esse conhecimento.

2.1. Considerações sobre transformações fonéticas e os metaplasmos

Alguns fenômenos linguísticos precisam ser levados em consideração, quando vistos pela ótica da fonética, na composição textual do aluno. Após as análises, concluiu-se que os textos foram afetados pela ação da fala. Diante dos fatos linguísticos observados, buscou-se explicações para as possíveis causas desse apoio da escrita na oralidade na produção dos textos. De acordo com Cidrim (2007, p. 29), os princípios constantes na liberdade de criação dos vocábulos ou de adaptação da língua às suas necessidades expressivas encontram um regimento pelas Leis Fonéticas: Lei do menor esforço, Lei da permanência da consoante inicial e Lei da persistência da sílaba tônica. Para Coutinho (1976, apud CIDRIM, 2007, p.29)

essas transformações são inconscientes, graduais e constantes. Inconscientes porque as modificações observadas em uma língua são alheias às vontades de seus usuários e seguem tendências próprias da época vivida. Graduais e constantes por acompanhar a evolução regular das transformações.

Os principais fenômenos linguísticos responsáveis por mudanças fonéticas, observados na evolução da Língua Portuguesa, acentuam-se as Leis Fonéticas, os Metaplasmos e a Analogia. Esses

eventos explicam determinadas mudanças ortográficas. No entanto, este artigo não tem a pretensão de apresentar todas as variações fonéticas. Apenas ratificar que transformações na língua obedecem a tendências naturais e hábitos fonéticos espontâneos, os quais mantêm a língua viva (CIDRIM et al, 2007).

2.1.1 Leis Fonéticas

São três as leis fonéticas que transformam, evolutivamente, as palavras da Língua Portuguesa: Lei do menor esforço, Lei da permanência da consoante inicial e a Lei da persistência da sílaba tônica (COUTINHO, 1976 apud CIDRIN, et al, 2007). Segundo Cidrin (2007, p. 29), essas leis se desenvolvem no sentido de tornar mais fácil aos órgãos fonadores a articulação das palavras. Dessa forma, a língua portuguesa está a todo momento sofrendo modificações fonéticas pelos seus falantes; o que segundo Bechara (2009), “conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico”.

2.1.2 Metaplasmos

Os metaplasmos são autonomia fonética assumida pelo falante. Desta forma, fazem a transformação da língua portuguesa desde sua matriz latina. Isso significa que a língua está em constante transformação. Por isso, podemos inferir que os traços de oralidades fazem parte de um complexo fonético formador e transformador do léxico de uma língua.

Segundo Coutinho (1976 apud CIDRIM 2007, pp. 29-30), os Metaplasmos podem ser por permuta, aumento e subtração. Abaixo, seguem discriminados os principais metaplasmos e respectivos exemplos.

2.1.2.1 Metaplasmos por permuta.

São os que consistem na substituição ou troca de uma fonema por outro.

Sonorização	Ocorre quando a permuta de uma fonema surdo por um sonoro homorgânico.	acutu > agudo / lupu > lobo
Vocalização	É a conversão de uma consoante em um fonema vocálico.	factu > feito / alteru > outro
Consonantização	É a transformação de um som vocálico em um consonantal.	iam > já / ieiuu > jejum

Assimilação	É a aproximação ou perfeita identidade de dois fonemas, resultante da influência que um exerce sobre o outro, podendo ser vocálico ou consonantal, total ou parcial, progressiva ou regressiva.	Calente > queente > quente
Dissimilação	É a diversificação ou queda de um fonema por já existir fonema igual ou semelhante na palavra, podendo ser, também, vocálica e consonantal, total e parcial, progressiva e regressiva.	artru > arado
Nasalização	Consiste na conversão de um fonema oram em nasal.	mi > mim
Desnasalização	É o contrário da nasalização	Luna > lũa > lua
Apofonia	É a modificação que sofre a vogal da sílaba inicial de uma palavra, quando se une a um prefixo.	Per + fãctu > perfectu > perfeito
Metafonia	É a modificação do som da vogal, resultante da influência que sobre ela exerce a vogal ou semivogal seguinte.	Décima > dizima

2.1.2.2 Metaplasmos por aumento

São os que adicionam fonemas à palavra. A esta classe pertencem:

Prótese	É o aumento no início do vocábulo	scribere > escrever
Epêntese	É o acréscimo do fonema no interior da palavra	area > arena > areia
Anaptixe	É a epêntese especial que consiste em desfazer um grupo de consoantes pela intercalação de uma vogal	fevrairo > fevereiro
Paragoge	É a adição de fonema no fim do vocábulo	ante > antes

2.1.2.3 Metaplasmos por subtração

São os que diminuem fonemas à palavra.

Afêrese	Queda do fonema no início da palavra.	Inodio > nojo
Síncope	Subtração de fonema no interior do vocábulo	malu > mau / medium > meio
Haplologia	É uma síncope especial, que consiste na queda de uma sílaba medial, por haver outra idêntica na mesma palavra	vendeda > vendita > venda

Apócope	É a queda do fonema no fim do vocábulo	legale > legal
Crase	Fusão de dois sons vocálicos contíguos	leer > legere > ler
Elisão	Queda da vogal final de uma palavra, quando a seguinte começa por vogal	de + intro > dentro

3. ORALIDADE E ESCRITA NOS PCN – PREVISÃO

Em 1997 e 1998, respectivamente, foram lançados pelo Ministério da Educação e do Desporto, através da Secretaria de Educação Fundamental, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1ª a 4ª séries e de 5ª a 8ª série. Vale ressaltar que o ensino fundamental de 9 anos foi implantado pelo Ministério da Educação em 2006, portanto não consta nestes PCN essa nova estruturação.

Os PCN constituem uma iniciativa de democratização do ensino em todo o país. Neles constam uma proposta aberta e flexível de organização dos currículos escolares que objetiva abranger a realidade educacional em diferentes regiões do Brasil. Dentro dessa proposta encontram-se aportes teóricos para professores de disciplinas diversas. Não objetivou-se aprofundar nas propostas dos PCN em toda sua totalidade, mas verificar se há previsão do tema deste artigo e como são tratados. Para isso, focou-se a pesquisa nos PCN de Língua Portuguesa.

3.1 PCN, 1997 – de 1ª a 4ª série

Como são duas versões, uma para o período que vai de 1ª a 4ª série e outro de 5ª a 8ª série, buscou-se, inicialmente, no PCN de 1997, que vai de 1ª a 4ª série, a previsão sobre o tema “traços de oralidade” e como é tratado o assunto.

Já na apresentação, constam nos PCN informações sobre a importância da oralidade e da escrita:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. [...] Apresenta os objetivos gerais de Língua Portuguesa, a partir dos quais são apontados os conteúdos relacionados à Língua oral, Língua escrita e Análise e reflexão sobre a língua. [...] (PCN, 1997, p.15)

Na página 21, como mencionamos na introdução sobre o conhecimento prévio sócio-histórico do aluno, os PCN direcionam a escola para que

os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações. (PCN, 1997, p.21)

A variedade de textos que circulam socialmente se organizam em gêneros. Esses gêneros, “famílias” de textos que compartilham algumas características comuns, possibilitam a identificação e os critérios para sua construção de forma que a comunicação tenha um objeto específico, daí a importância do conhecimento do aluno sobre o assunto.

Ainda sobre gêneros textuais, os PCN retratam que as finalidades comunicativas

[...] geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos. É por isso que, quando um texto começa com “era uma vez”, ninguém duvida de que está diante de um conto, porque todos conhecem tal gênero. Diante da expressão “senhoras e senhores”, a expectativa é ouvir um pronunciamento público ou uma apresentação de espetáculo, pois sabe-se que nesses gêneros o texto, inequivocamente, tem essa fórmula inicial. Do mesmo modo, pode-se reconhecer outros gêneros como cartas, reportagens, anúncios, poemas, etc. (PCN, 1997, p. 23)

Da mesma forma, os PCN sinalizam para que, no espaço escolar, oralidade e escrita, possuem diferenças e valores que os alunos precisam dominar para sua interação no meio social em diferentes contextos. Daí o tratamento igualitário das duas modalidades comunicativas no que se refere as suas importâncias.

Na página 40, encontrou-se o termo “traços de oralidade”. Nesta seção, “Língua escrita: usos e formas”, constam nos PCN que a “escrita transforma a fala e a fala influencia na escrita”. Daí o aparecimento de traços de oralidade nos textos escritos. Sendo oralidade e escrita práticas complementares, possibilitam ao aluno construções de gêneros diversos, os quais caberá a escola viabilizar esse conhecimento, permitindo ao aluno adequar o uso da comunicação oral ou escrita em circunstâncias diversas.

3.2 PCN, 1998 – do 5º a 8º série

Os PCN de 1998, que vai da 5º a 8º série, não trazem a expressão “traços de oralidade”, mas abordam, atenciosamente, os assuntos: oralidade e escrita, e sinalizam para algumas considerações sobre essas variantes linguísticas.

A cerca da discussão sobre o que é “erro”, algumas teses sobre o assunto passaram a ser admitidas oficialmente. Segundo os PCN (1998), essas teses estimularam um esforço para que fossem revistas as práticas de ensino da língua portuguesa de forma a ressignificar esses supostos

“erros”. Apesar de ainda imperar na sociedade atitude de correções equivocadas sobre essa variante da língua, sua admissão avança consensualmente de forma que as práticas pedagógicas devem partir do uso da linguagem comum aos alunos para permitir os avanços de novas habilidades linguísticas.

Ainda nos PCN (1998, p. 29), constam algumas reflexões sobre implicações da questão da variação linguística para a prática pedagógica. De acordo com o documento, falar em língua portuguesa no Brasil é falar de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Isso significa dizer que, apesar de o Português ser a língua oficial, as diferentes pronúncias, emprego de palavras e construções sintáticas informais, diferenciam seus falantes linguisticamente por regiões e comunidades. Questões socioeconômicas, faixa etária, gênero, intercâmbio cultura e movimentação de pessoas dentro do território nacional faz com que prescrições normativas da gramática, dos manuais de escrita e divulgações linguísticas midiáticas sobre o que deve e o que não se deve escrever ou falar, na prática, acabam não se sustentando.

Nos PCN (1998, p. 59) encontra-se um norte para que professores e alunos possam desenvolver esse conhecimento discursivo e linguístico:

Uma vez que as práticas de linguagem são uma totalidade e que o sujeito expande sua capacidade de uso da linguagem e de reflexão sobre ela em situações significativas de interlocução, as propostas didáticas de ensino de Língua Portuguesa devem organizar-se tomando o texto (oral ou escrito) como unidade básica de trabalho, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente. Propõe-se que as atividades planejadas sejam organizadas de maneira a tornar possível a análise crítica dos discursos para que o aluno possa identificar pontos de vista, valores e eventuais preconceitos neles veiculados.

4. ANÁLISES

Neste tópico, tratou-se das análises propriamente ditas. A partir de um *corpus* constituído por textos escritos por alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, em uma pesquisa subjetiva feita no decurso da disciplina Estágio Supervisionado Curricular de Língua Portuguesa e Literatura (ESC I) do 5º período do curso de graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Câmpus Araguaína, Unidade Cimba.

O processo se deu com a exibição do filme “O menino que descobriu o vento” e, posteriormente, por meio de um instrumental de pesquisa, lançou-se mão de uma pergunta subjetiva sobre o filme. A ideia foi fazer com que os alunos pudessem escrever um pequeno texto o mais natural possível, sem que soubessem que seus textos seriam analisados com base na escrita padrão. O objetivo foi analisar, qualitativamente, os textos e verificar a presença traços de oralidade.

4.1 Procedimentos de análise de dados

A análise dos dados iniciou-se com estudos bibliográficos dos teóricos Marcushi (2010), Travaglia (2001), Koch (1992), Fávero et al. (2001) e Cidrim et al. (2007) e, na sequência, por meio de uma leitura minuciosa, buscou-se por traços de oralidade nos textos dos alunos. As análises também tiveram como parâmetro a norma-padrão (BECHARA, 2009) e a previsão dos PCN.

Para isso, vinte e três alunos participaram da pesquisa, Após a leitura, foram identificados traços de oralidade pertinentes em nove participantes, apresentados no quadro 3 a seguir:

Quadro 3. Tipos de marcas de oralidades encontradas nos textos de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual de Araguaína – TO

Tipos de marcas de oralidade	Exemplos
<ul style="list-style-type: none"> • ¹ Troca de vogal por sonoridade (o por u). • ² Repetição de palavras (dele). • ¹ Supressão da desinência de infinitivo r. • ² Estrutura morfossintática livre, com supressão de letras (bota la emba(i)xo). • ³ Repetição de palavra • ⁴ Troca de preposição 	<p>Foi a parte que ele mostra para ¹u pai ²dele o catavento e o pai ²dele quebra (Texto 1)</p> <p>E porque nunca pode ¹desisti do seus sonho mesmo que as pessoas lhe ²bota la embaxo mais você não pode ³disisti ⁴no seus sonho (Texto 1)</p>
<ul style="list-style-type: none"> • ¹ Frase de resposta começando com preposição. Marca oral coloquial de segunda pessoa. • ² Estrutura sintática construída por sonoridade 	<p>¹em nunca desistir dos seus sonhos (Texto 2)</p> <p>e ²ir seguir em frente (Texto 2)</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Repetição de marcadores de ausência ou privação. 	<p>[...] mesmo sem não ter condições financeiras[...] (Texto 3)</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Sonoridade igual dos porquês dificultam seu uso. • Substituição do qu por k • Supressão do (es) tava. • Junção do “para o” formando pro. • Supressão da desinência de infinitivo r. 	<p>Por que a família do (em resposta o porquê é junto)</p> <p>moleke</p> <p>tava em crise [...]</p> <p>[...] pediu pro seu pai [...]</p> <p>[...] para irriga (r) uma lavoura[...] (Texto 4)</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura compreensível, mas escrita de forma livre e pouco elaborada. 	<p>Que o menino precisava da bicicleta do pai dele para fazer a irrigação para eles comerem o fazer o moinho para a irrigação. Nunco desita dos seus sonhos que eles podem se realizar. (Texto 5)</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Supressão da desinência de infinitivo r. 	<p>[...] tem que ergue(r) a cabeça [...] (Texto 6)</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura compreensível, mas escrita de forma livre e pouco elaborada. 	<p>Me achou interessante o interesse de aprendizado [...] (Texto 7)</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Supressão da semivogal i em ma(i)s. • Uso do pronome oblíquo tônico (mim) no lugar do átono (me) • Supressão da desinência de infinitivo r. 	<p>O que mas mim chamou atenção [...] (Texto 8)</p> <p>[...] o menino foi mostra(r) (Texto 8)</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Uso do pronome oblíquo tônico (mim) no lugar do átono (me) • Estrutura compreensível, mas escrita de forma livre e pouco elaborada. • ¹Ditongação do nós (nois) • Supressão da desinência de infinitivo r em desisti(r). • Repetição da palavra a gente • Supressão da vogal (para/prá) 	<p>[...] e o que mim serviu de aprendizagem [...] (Texto 9)</p> <p>[...] a gente não pode desisti do que a gente quer do que a gente saber que e melhor pra ¹nois [...] (Texto 9)</p> <p>[...] saber que e melhor pra nois [...] (Texto 9)</p>

4.2 Detalhando a análise

Observou-se que várias ações da fala foram usadas para compor a escrita, ou seja, os alunos, em alguns momentos, escrevem expressões que, normalmente, compõem o ato da fala. Nesse sentido, fica evidente o que diz Mattoso Câmara: “a escrita decorre da fala e é secundária em referência a esta” (1969, p.11 apud FÁVERO et al. 2002, p.10), ou seja, a oralidade influencia na escrita e vice-versa. Abaixo, seguem análises mais detalhadas dos casos mais pertinentes. Ressalta-se que todos o texto/dados da pesquisa estão anexados no final deste trabalho.

4.2.1 Troca de vogal por sonoridade - [o por u] Texto 1 - [me por mim] Texto 8 e 9.

Sobre o filme “O menino que descobriu o vento”, relate o que você achou interessante e que pode servir de aprendizado para sua vida.

Foi na parte que ele mostrou para o pai dele
o mini catavento e o pai dele quebra

É porque nunca pode desisti de seus
sonhos mesmo que as pessoas lhe bata
la embora mais voce não pode
desisto no seus sonhos.

Texto 1

Percebe-se que a confusão com as sílabas decorre de fatores fonológicos, os quais se desenvolvem na língua falada; uma vez que a pronúncia das vogais dentro de um contexto possuem sonoridades bem semelhantes e, desta maneira, acabam por influenciar na escrita.

Caso não seja uma mera distração do aluno, o aprendiz precisará entender que podem existir diferenças ou variações entre o modo de falar e o modo de escrever uma mesma palavra (CIDRIM, 2007 et al.).

A par disso, cabe ao educador mostrar a existência dessas similaridades sonoras na pronúncia de alguns fonemas da língua, assim, também, como a sua possibilidade de influenciar na escrita. Buscar metodologias que facilitem a compreensão do aluno no que se refere aos ²fonemas, a ³Fonologia e a ⁴Fonética podem ajudar aos falantes a diferenciar oralidade e escrita.

² Fonema é a menor unidade sonora distintiva de uma língua.

³ Fonologia estuda os fonemas de uma língua, preocupando-se com sua capacidade distintiva.

⁴ Fonética estuda as variações que podem ocorrer na realização dos fonemas (alofones)

4.2.2 Repetição de palavras - [pai dele] – Texto 1 / [a gente] – Texto 9

Sobre o filme “O menino que descobriu o vento”, relate o que você achou interessante e que pode servir de aprendizado para sua vida.

O que eu achei interessante foi que quando o pai dele falou "nã", falando que não ia de certo ele continuou firme tentando e deu certo. O que me serviu de aprendizado foi que a gente não pode desistir do que agente quer do que agente sabe que é melhor pra nós e para outras pessoas.

Texto 9

A repetição de palavra ou grupo de palavras é natural na língua falada. Sabe-se que nesta modalidade da língua, a qual chamamos de coloquialidades, as repetições acontecem com naturalidade. No entanto, de acordo com a norma culta, produções textuais compostas pelo uso dessas formas não padrões, inconscientemente, ficam empobrecidas comprometendo a harmonia do texto.

De acordo com Marcuschi, (2010, p 79),

uma das características da oralidade é a *repetição*, e essas repetições são eliminadas em conjunto com as redundâncias informacionais. E sendo que estes tipos de marcas correspondem clichês e gírias, que evidenciam de certa forma a falta de preocupação com a norma culta da língua, e a norma culta afirma que apesar de empobrecer esses recursos, deve ser levado em consideração que o aluno está em constante aquisição de conhecimento.

Nesses casos, o professor poderá intervir ensinando ao aluno a diferença entre oralidade e escrita, mostrando que a linguagem oral é mais dinâmica e faz uso dessas repetições entre outros recursos. Apesar dessas repetições não constituírem erros gramaticais, seja na fala ou na escrita, o educador deverá explicar que essas repetições deverão ser evitadas em produções escritas que exijam uma formalidade maior, ou seja, textos que precisam fazer uso da norma culta.

4.2.3 Supressão da desinência de infinitivo - [r] - (Textos 1, 4, 6 e 8).

Nos textos 1, 4, 6 e 8, respectivamente, observa-se a subtração (apócope) da desinência de infinitivo em **desisti(r)**, **irriga(r)**, **ergue(r)** e **mostra(r)** nas produções textuais analisadas. Neste caso, buscou-se explicação nas transformações fonéticas. Essas transformações são consideradas por Coutinho (1976, apud CIDRIM, 2007, p. 29) como inconscientes, graduais e constantes. Para Cidrim (2007, p. 29), os fonemas constituem o material sonoro da língua, estando sujeitos a transformações. Uma das formas dessas transformações é a lei fonética do menor esforço. Desta forma, pode-se pensar que muitas modificações fonéticas ocorrem por essa economia fisiológica na pronúncia das palavras. Nesse sentido, Bortoluzzi e Cristofolini (2013, p. 113) destacam que a queda do /r/ de infinitivo, como os citados acima, são evidência clara de influência da oralidade encontrada nos textos.

4.2.4 Substituição do qu por k

Nesta situação, o aluno substituiu o dígrafo consonantal – **qu** – que representa o fonema /k/ (mole**que** por mole**ke**) pela própria letra **k** que, a partir do novo acordo ortográfico de 1990, foi incluído no alfabeto brasileiro, assim também como as letras w e y. A atenção está no fato de que, apesar dessas letras (k, w, e y) se tornarem letras oficiais não muda o uso do dígrafo **qu**, já consolidados.

Sobre o filme “O menino que descobriu o vento”, relate o que você achou interessante e que pode servir de aprendizado para sua vida.

Por que a família do moleke tá
em crise financeira e o moleke pediu
pro seu pai sua bidleta para fazer
um negócio de vento para irrigar
a uma lavoura da sua família. Que
não pode existir dos meninos.

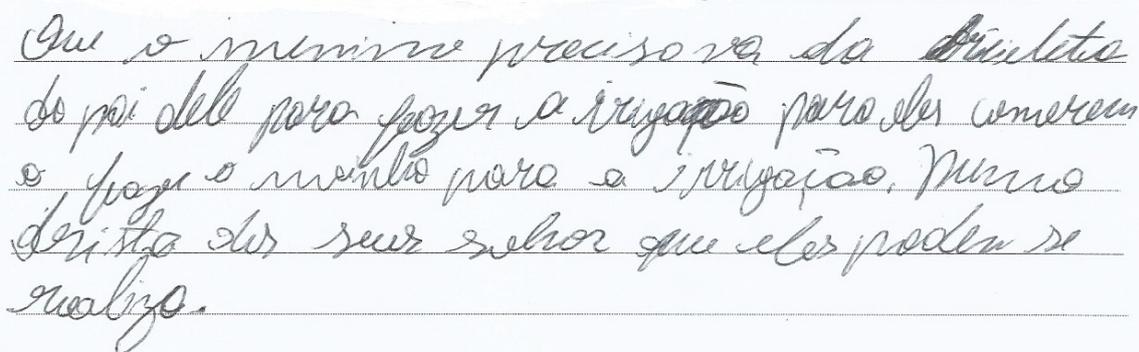
Texto 3

“Dígrafo é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema” (BECHARA, 2009). Nesse entendimento, o **qu** quando seguido de **e** ou **i** equivale ao fonema /k/,

desde que não ocorre a pronúncia do **i** ou **u** como na palavra **moleque**. Essas noções de que não há uma correspondência perfeita entre os fonemas e as letras que os representam são partes do ensino de fonética e fonologia da disciplina de língua portuguesa na escola.

4.2.5 Estrutura compreensível, mas escrita de forma livre e pouco elaborada - Texto 1, 5, 7 e 9.

Sobre o filme “O menino que descobriu o vento”, relate o que você achou interessante e que pode servir de aprendizado para sua vida.



Que o menino precisava da similitude do pai dele para fazer a viagem para ser conhecido e fazer o mundo para a viagem. Nunca desista de seus sonhos que eles podem se realizar.

Texto 5

Os textos apresentaram estruturas morfossintáticas “livres”, ou seja, não planejadas como, em geral, acontece com a oralidade. Nesses casos, as estruturas fogem a norma-padrão, podendo criar problemas de coesão e coerência. De acordo com Koch et al. (1997, p. 12), “a coerência é vista como uma continuidade de sentidos perceptíveis no texto, resultando numa conexão conceitual cognitiva entre elementos do texto”.

Ainda, segundo Koch,

essa conexão não é apenas de tipo lógico e depende de fatores socioculturais diversos, devendo ser vista não só como o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários, mas também de fatores interpessoais com as formas de influência do falante na situação de fala, as intenções comunicativas dos interlocutores.

Considerando que a forma padrão da oralidade e da escrita precisam ser elucidadas, cabe ao educador conduzir o seu ensino de modo funcional. Desta forma, as composições escritas com características do português não padrão, o aluno poderá tentar reescrever em português padrão, mediado pelo professor, para que se conscientize da existência das regras. Embora o aprendizado da

língua não seja uma tarefa fácil, utilizar-se ou não dos elementos linguísticos apropriados é uma necessidade na constituição e formação do aluno que vai além dos muros da escola. O domínio da própria língua passa pelo reconhecimento das variedades linguísticas e da diversidade cultural que a língua pode apresentar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciou-se com esse trabalho o quanto a língua não se permite um estacionamento para que estabeleça regras fixas e definitivas para sua sistematização. Assim, a linguagem é “heteróclita e multifacetada” (SAUSSURE, 1969, p. 17). Dessa forma, oralidade e escrita, a depender da criação humana, estão sempre abertas a mudanças e a transformações.

Por isso, oralidade e escrita, apesar de serem conteúdos previstos já nos anos iniciais – PCN, 1997 de 1ª a 4ª série – e ainda encontrados no 7º anos do Ensino Fundamental, afetam-se, inevitavelmente, e avançam por vários anos do período escolar do estudante, caso uma intervenção focada no assunto não seja primada pela escola.

Destacou-se a importância do assunto, quando avaliadores nacionais como SAEB, Enem e PISA podem medir o conhecimento do aluno e até mesmo condicionar sua entrada na universidade, como é o caso do Enem. Ciente disso, os PCN mostraram-se insistentes na importância do assunto para a formação do aluno, tratados a partir do conhecimento e produção dos gêneros textuais.

Em linhas gerais, os textos analisados transmitiram uma comunicação compreensível, com alguns atendendo o esperado pelos PCN e outros com desvios básicos da norma-padrão. Vários fatores linguísticos, como vimos, são causadores dessa paradoxal relação entre oralidade e escrita. Mas, como a forma padrão da escrita e da oralidade precisam ser elucidadas, caberá a escola buscar o melhor caminho.

Ressalta-se que explicações fonológicas e históricas para os casos resultam em mais conhecimento para professores de língua materna se anteciparem às possibilidades linguísticas no ensino de produções textuais aos alunos. Desta forma, o tema pode requerer mais atenção do educador e mais disciplina do aluno quanto a redação. Assim, a escola deverá promover aos alunos uma escrita consciente, não se distanciando do acervo gramatical e lexical que cada aluno pode trazer de seu ambiente histórico-familiar, mas se valendo delas para o enriquecimento cultural-regional consciente. Significa dizer que a formação linguística do aluno implica conhecer as diferentes formas de se expressar a depender do contexto ou do gênero textual a se utilizar.

Outra observação importante, que não foi alvo da pesquisa, mas que, de forma hipotética, vale salientar, foi a que os alunos por não terem sido avisados que seus textos seriam analisados com base na forma padrão da língua portuguesa, podem ter relaxado; produzindo textos com características coloquiais e, portanto, deixado escapar os traços de oralidade.

Em relação a isso, uma conscientização dos alunos de reconhecimento da escola como um ambiente de natureza formal, pode ajudá-los na prática de escrita. Conscientes disso, não só pela formalidade da norma-padrão, mas também pelo reconhecimento do ambiente e dos objetivos da disciplina de língua portuguesa, antecipa-se o ato da escrita para não ser afetado de forma inconsciente pela oralidade.

Verificado isso, este trabalho colabora para uma reflexão sobre a possibilidade de uma intervenção que possa inculcar nos alunos o entendimento de que todos os textos por eles produzidos, independentemente de ser avaliado ou não, precisam seguir a norma-padrão. Mesmo que o gênero permita o uso do desvio da norma, não pode ficar este, livre de regras de pontuação e marcações prosódicas.

6. REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. revista e ampliada. 15. impr. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005 [1999].
- BENVENISTE, E. **Estrutura das relações de pessoa no verbo**. In: Problemas de Linguística Geral I. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, 1997.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, 1998.
- BORTOLUZZI, Bianca Móra & CRISTOFOLINI, Carla. **Oralidade e a aquisição da linguagem escrita dos alunos em uma escola pública**. Revista Acadêmica de Letras-Português. Universidade Federal de Santa Catarina, OUX, n. 01, 2013/2.
- CIDRIM, Luciana; AGUIAR, Marígia; MADEIRO, Francisco. **Escrevendo como se fala**. São José dos Campos: Pulso, 2007.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita**. 3ª ed. - São Paulo; Cortez 2002.
- ESTEVES, P. M. da S. **A reescrita da oralidade nos manuais de redação jornalística: uma visada discursiva**. Diálogo das Letras, Pau dos Ferros, v. 06, n. 02, p. 247-263, jul./dez. 2017.
- KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 5ª ed. – São Paulo: Contexto, 1993.
- LÚZIO, Ellen Regina Camargo; RODRIGUES, Marlon Leal. **Marcas de oralidade em textos escritos**. Disponível em <http://www.linguisticaelinguagem.cepad.net.br/EDICOES/03/Arquivos/07%20Ellen%20Regina%20Camargo.pdf>
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio & DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. Edição 1 – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 6. ed. –São Paulo: Cortez, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1969.

7. ANEXOS

Texto 1

Sobre o filme “O menino que descobriu o vento”, relate o que você achou interessante e que pode servir de aprendizado para sua vida.

Foi na parte que ele mostra para o pai dele
o mini catavento e o pai dele quebra

E porque nunca pode desisti do seus
sonho mesmo que as pessoas lhe bota
lá embora mais voce não pode
desisto no seus sonho.

Texto 2

Sobre o filme “O menino que descobriu o vento”, relate o que você achou interessante e que pode servir de aprendizado para sua vida.

em nunca desistia do seu trabalho, e
de alguém duvidar do projeto e ia
seguir em frente. sempre trabalhando
tudo a família.

Texto 3

Sobre o filme "O menino que descobriu o vento", relate o que você achou interessante e que pode servir de aprendizado para sua vida.

Eu acho interessante porque William não desistiu do seu sonho, pois mesmo sem as condições financeiras ele procura aprender mais e com seus estudos ele conseguiu uma forma de ter água, porque naquela Malawi estava muito seca e as pessoas estavam passando fome, então com os estudos ele conseguiu água para regar as plantações, assim ninguém passaria mais fome.

Texto 4

Sobre o filme "O menino que descobriu o vento", relate o que você achou interessante e que pode servir de aprendizado para sua vida.

Por que a família do menino não em crede financeira e o menino pediu pro seu pai sua bicicleta para fazer um negócio de vento para ajudar a uma lavoura de sua família. Que não pode desistir dos sonhos.

Texto 5

Sobre o filme "O menino que descobriu o vento", relate o que você achou interessante e que pode servir de aprendizado para sua vida.

Que o menino precisava da ajuda do pai dele para fazer a irrigação para os cereais e fazer o vento para a irrigação. Mesmo desistindo dos seus sonhos que eles podem se realizar.

Texto 6

Sobre o filme "O menino que descobriu o vento", relate o que você achou interessante e que pode servir de aprendizado para sua vida.

Que não importa quanto se assemelhem você não pode desistir do que você está disposta a fazer, tem que erguer a cabeça e seguir em frente.

Texto 7

Sobre o filme "O menino que descobriu o vento", relate o que você achou interessante e que pode servir de aprendizado para sua vida.

• Me achou interessante e interessante de aprendizado dele e a insistência dele ir para escola, me serve de aprendizado o não desistir de seus sonhos e interesses.

Texto 8

Sobre o filme

O que mais me chamou atenção foi quando o menino fez música e que ele tinha feito e o pai dele não aceitou.

Texto 9

Sobre o filme "O menino que descobriu o vento", relate o que você achou interessante e que pode servir de aprendizado para sua vida.

O que eu achei interessante foi que mesmo no país dele falando "nãu", falando que não ia de certo ele continuou firme tentando e deu certo e o que me serviu de aprendizado foi que a gente não pode desistir do que a gente quer do que a gente sabe que é melhor pra nós e para outras pessoas.